



## Escola Bíblica Dominical

### LIÇÃO 21

#### Pedro, o Messias e a cruz<sup>i</sup>

#### Texto-base: Mt 16.13-28

Surpreendentemente, Jesus escolheu a área gentílica de Cesareia de Filipe (16:13)<sup>1</sup> para extrair dos Seus discípulos mais chegados alguma avaliação de quem Ele realmente era. A opinião sobre quem “o Filho do homem é” (uma das autodesignações favoritas de Jesus, um título um tanto ambíguo que poderia ser preenchido com um conteúdo mais específico numa variedade de contextos) estava dividida (16:14). Alguns sugeriram que Ele era João Batista levantado dos mortos (Herodes Antipas, por exemplo, 14:2). Outros queriam saber se Ele era Jeremias ou algum outro profeta. Talvez Jeremias tenha sido especificamente mencionado ou porque houvesse tradições judaicas posteriores a respeito da morte de Jeremias que sustentassem essa identificação (por exemplo, no livro apócrifo de 2 Macabeus 2.1-12 e 15.14,15); ou porque alguns espectadores sentiram ter detectado em Jesus algo da mistura de autoridade e sofrimento que caracterizou o ministério de Jeremias. As expectativas messiânicas entre o povo eram suficientemente diversas que alguns esperavam que toda uma série de profetas aparecesse antes que o próprio Messias surgisse no cenário.

Mas ao responder a pergunta de Jesus os discípulos aparentemente não conseguiam pensar numa voz na nação que acreditava que Jesus era o Messias. João Batista, Jeremias, um dos profetas - sim; mas nenhum grupo estava preparado para proclamá-lo como sendo o Messias. Alguns alegremente atribuíram-lhe títulos messiânicos (9:27; 15:22) mas em parte devido à intensa bajulação, pois queriam receber cura ou algum outro tipo de bênção. Sem dúvida muitas pessoas nutriam esperanças secretas que Jesus pudesse vir a ser o Messias. Todavia Ele não correspondeu às expectativas messiânicas costumeiras, de forma que não havia ainda

---

<sup>1</sup> Cesareia de Filipe foi construída por Herodes Filipe, o tetrarca (2.20,22), que aumentou a pequena cidade em um terreno 350 metros acima do nível do mar no sopé do Monte Hermon, mudando seu nome para Cesareia em homenagem a César e acrescentando “Filipe” para distingui-la da cidade costeira de mesmo nome. A cidade fica 40 quilômetros a norte da Galileia, e os habitantes da cidade eram em grande parte gentios.

nenhum reconhecimento em larga escala do Seu status messiânico - nenhum, pelo menos, que tivesse alcançado os ouvidos dos discípulos.

Jesus mudou o foco da Sua indagação, e perguntou o que Seus próprios discípulos pensavam dEle (o “vós” é plural, 16:15). Pedro respondeu, “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (16:16). Essa confissão foi tão inequívoca que ela marcou um ponto decisivo no relacionamento de Jesus com Seus seguidores mais íntimos. Desse momento em diante, mais da verdade foi explicada a eles em particular; e mesmo se eles não entendessem tudo, lhes era concedida aquela informação que um dia faria sentido de tudo o que Jesus disse e fez.

Com certeza Jesus reconheceu que esse era um novo passo na compreensão, e um passo que brotou da revelação concedida a Pedro pelo Pai (16:17) – afinal, ninguém conhece o Filho a não ser o Pai (11:27; cf. Jo 6:44), e Este, agora, revela graciosamente a identidade do Filho a Pedro. Contudo devemos ter cuidado para evitar dois pontos de vista opostos.

Primeiro, não devemos pensar que até este momento os discípulos, incluindo Pedro, não nutriam nenhuma esperança ou intuição que Jesus era o Messias, pois se esse fosse o caso, a transferência inicial de lealdade que alguns deles fizeram de João Batista para Jesus (João 1:29-51) seria muito improvável, e os próprios discípulos seriam extraordinariamente estúpidos (à luz de Mateus 7:21-23; 11:2-6).

Segundo, não devemos pensar que após essa confissão (de Pedro) a compreensão dos discípulos quanto a identidade de Jesus estava estável e madura. Os versículos que sucedem imediatamente (16:21-23) derrubam uma conclusão tão fácil. Ao mesmo tempo em que proclamava essa grande confissão, Pedro não tinha nenhuma noção de um Messias que deveria sofrer e morrer.

Por essa razão, portanto, parece que a fé de Pedro ainda era embrionária. Ele e os outros discípulos estavam certamente à frente da multidão na sua compreensão de Jesus e em lealdade a Ele; mas sua fé não era uma fé madura naquele sentido que ela prevaleceria após a ressurreição de Jesus.

A confissão de Pedro (v. 16) recebeu não apenas uma “bênção” de Jesus (v. 17), como também um jogo de palavras. A igreja católica romana interpretou muitas vezes 16:17-19 para fazer de Pedro o primeiro papa, e para estabelecer em princípio o cargo papal para os sucessores de Pedro. No entanto, em qualquer leitura honesta do texto, não podemos deixar de notar que nenhuma menção é feita de “papa” ou de qualquer sucessor de Pedro; e seja qual for o significado do versículo 19, ele certamente não fez de Pedro um “infalível” (veja Gálatas 2:11-14).

Por outro lado, alguns protestantes, reagindo contra as reivindicações da igreja católica romana, buscam argumentar que Jesus apontou para Pedro e disse: “Tu

és Pedro,” depois apontou para Si mesmo e continuou, “e sobre esta pedra edificarei a minha igreja”. De forma alternativa, alguns sugerem que “esta pedra” não se refere nem a Jesus nem a Pedro, e sim, à confissão de Pedro.

Os debates sobre esses versículos são numerosos e muito técnicos para serem investigados aqui. Mas é plausível entender que Jesus estava simplesmente usando um jogo de palavras para dizer que Pedro é a rocha sobre o qual Jesus iria construir Sua Igreja<sup>2</sup>. E claro, este não é o único uso da metáfora da rocha. O próprio Pedro em outro lugar chamou Jesus de a Rocha (veja 1 Pedro 2:5-8).

Contudo, as metáforas mudam o seu uso constantemente. Por exemplo, aqui é Jesus que constrói Sua Igreja; em 1 Coríntios 3:10, Paulo é o sábio construtor. Em 1 Coríntios 3:11, Jesus é o fundamento da Igreja; em Efésios 2:19,20 os apóstolos e os profetas constituem o fundamento (cf. também Ap 21.14), e Jesus é a “pedra da esquina (angular)”. Aqui, Pedro tem as chaves; em Apocalipse 1:18; 3:7, Jesus tem as chaves. Em João 9.5 Jesus é a luz do mundo; em Mateus 5.14, seus discípulos são a luz do mundo – nenhum desses pares de metáforas ameaça a singularidade de Jesus! Elas apenas mostram como as metáforas devem ser interpretadas principalmente em relação ao seu contexto imediato.

Isto não significa que, afinal, a interpretação da igreja católica romana esteja correta. Pelo contrário, reconhece-se que a leitura natural da passagem coloca Pedro como a pedra. E julgando pelos primeiros capítulos de Atos, Pedro foi realmente a pedra sobre o qual Jesus construiu a Sua Igreja.

O que o Novo Testamento mostra é que Pedro foi o primeiro a fazer essa confissão formal e que a proeminência dele continua nos primeiros anos da igreja (Atos 1-12). Mas ele, junto com João, pode ser enviado por outros apóstolos (At 8.14), e ele tem de prestar contas de seus atos à igreja de Jerusalém (At 11.1-18) e é repreendido por Paulo (Gl 2.11-14). Em suma, ele é *primus inter pares* (“primeiro entre iguais”); e sobre a fundação desses homens (Ef 2.20), Jesus edifica Sua igreja.

O Reino e a Igreja não são a mesma coisa precisamente da mesma maneira que um hipopótamo e uma roupa espacial não são a mesma coisa. Eles pertencem a

---

<sup>2</sup> “Tu és Pedro (*Petros*), e sobre esta pedra (*petra*)...”. Ocorre que o termo grego *Kêphas* (em português “Cefas”) translitera o aramaico, e *Petros* é a tradução para o grego mais próxima. O aramaico *kêpâ*, que fundamenta o termo grego, quer dizer rocha. Se não fosse pela reação protestante contra os extremos de interpretação do catolicismo romano, seria duvidoso que muitos considerassem que “pedra” fosse alguma coisa ou outra pessoa que não Pedro... Por outro lado, embora seja verdade que, no grego antigo, *petros* e *petra* possam ter o sentido de pedra e rocha, respectivamente, a distinção está grandemente limitada à poesia. Além disso, nesse caso, a base aramaica é inquestionável, e o mais provável é que *kêpâ* tenha sido usada nas duas orações (“você é *kêpâ*, e sobre esta *kêpâ*”), uma vez que a palavra foi usada para o nome e para “pedra”. A Peshita (escrita em siríaco, língua cognata com o aramaico) não faz distinção entre as palavras nas duas orações. O grego faz a distinção entre *petros* e *petra* apenas porque tenta preservar o jogo de palavras.

categorias separadas: um é um animal, o outro um pedaço sintético e bem recente de equipamento inorgânico. Da mesma maneira, o Reino é o reinado de Deus, manifesto na Pessoa e no ministério de Jesus; a Igreja é um grupo de pessoas, o povo do Messias, redimido por Ele e ligado por juramento em lealdade a Ele. Mas é o Reino de Deus, Seu reinado poderoso, que traz a Igreja à existência; e a Igreja, o povo redimido de Deus, proclama o Reino, vive sua vida agora, e um dia entrará e herdará o Reino na sua consumação.

Esta lição não é o lugar para entrar numa longa discussão sobre o versículo 19, mas algumas conclusões podem ser colocadas aqui. Em Lucas 11:52 Jesus denunciou certos mestres falsos por tirarem “a chave da ciência”, impedindo assim muitos de entrarem no reino.

Se Pedro, em contraste, tivesse as chaves do reino, com toda a probabilidade ele teria a chave do conhecimento para possibilitar ao povo que entrasse no reino, e não meramente alguma autoridade pessoal. Este conhecimento pessoal estava vinculado com a revelação de quem Jesus era - revelação esta que Pedro havia recebido manifestamente pelo Pai (Mateus 16:17). Portanto se o texto diz que Pedro tinha a habilidade de ligar ou desligar manejando essas chaves da ciência - proclamando o evangelho e tomando decisões sobre quem entra e quem não entra apenas com base nisso – isto quer dizer que Pedro iria admitir ou excluir pessoas de entrarem com base na revelação dada a ele. E é assim que ele faz no livro de Atos (veja Atos 2:14-39; 3:11-26; 4:11,12; 8:20-23); ou seja, a mesma proclamação do evangelho que faz com que o Senhor, edificando Sua igreja, acrescente os que vão sendo salvos (At 2.45), essa mesma proclamação aliena e exclui homens – Pedro realiza esse ligar e desligar ao proclamar um evangelho que já foi dado e ao fazer a aplicação pessoal com base nisso (Simão, o mago, por exemplo).

De fato, Pedro iria descobrir que tudo o que ele ligar e desligar, de acordo com este evangelho, já havia sido ligado ou desligado (como os tempos verbais no grego sugerem), pois a verdade decisiva do evangelho é sempre antecedente à sua proclamação (compare com Atos 18:9,10). Ele não tem uma passagem direta e especial para o céu, muito menos suas decisões forcem o céu a aceder; mas ele tem autoridade para ligar e desligar porque o céu agiu primeiro (cf. At 18:9,10). Por outro lado, se é concedido poder a Pedro para ligar e desligar, esse poder também é dado à igreja (v. 18), e todos os seguidores de Jesus estão envolvidos em fazer discípulos nas nações e em ensiná-los (Mt 28.18,19).

Em termos práticos, isso quer dizer que esses versículos difíceis têm a ver com quem é admitido à Igreja, e em que base. Os homens e as mulheres não nascem dentro da comunidade do povo do Messias, como pensavam os judeus. Pelo contrário, eles precisam receber a mesma revelação que Pedro recebeu - ou, colocando de outra forma, eles devem receber a chave do conhecimento. Essa é uma base fundamental

para admissão ou expulsão da Igreja de Jesus, o Messias. Essa base não é o desempenho de muitos atos de piedade, mas uma profunda compreensão de quem Jesus é verdadeiramente. E é por isso que a outra passagem em Mateus com fortes vínculos com Mateus 16:19 fala explicitamente sobre a disciplina na igreja local (Mateus 18:15-18). A Igreja nunca deve degenerar em um clube elitista de pessoas vagamente religiosas que acontecem de ter nascido em um país chamado “cristão”.

Num certo sentido Pedro estava falando em nome de todos os discípulos; certamente pede-se a todos eles que fiquem quietos quanto à sua nova profundidade de compreensão (16:20). Parte da razão deles precisarem manter silêncio era que o nível de compreensão deles ainda era deficiente, e eles teriam estragado as coisas bem feio se eles tivessem simplesmente ido para tudo quanto é lugar e proclamado em alta voz que Jesus era o Cristo, o Messias. Isso se torna claro dos versículos restantes no capítulo (16:21-28).

Estes versículos são realmente surpreendentes. Eles deixam duas coisas claras.

Primeiro, embora Pedro tivesse compreendido de verdade que Jesus era o Messias, ele (e presumivelmente os outros discípulos também) ainda estava longe de compreender que o Messias prometido tinha que ser não apenas o Rei, o descendente de Davi, mas também um Servo Sofredor que seria executado em humilhação. Pedro considerou este pensamento tão incongruente que ele realmente repreendeu Jesus por proferi-lo (16:22) e por sua vez ele recebeu uma repreensão (16:23), uma repreensão de surpreendente severidade. Jesus reconheceu que qualquer tentativa de desvia-10 da Sua missão de sofrimento e morte tinha sua origem no inferno (compare com 4:1-11).

Agora Jesus chama Pedro de um tipo diferente de “pedra”, *skandalon* (“pedra de tropeço”). Da mesma forma que Satanás ofereceu o reinado a Jesus sem sofrimento (Mt 4:8,9), Pedro faz a mesma coisa, adotando as perspectivas correntes de conquista messiânica vitoriosa. Jesus reconhece a mesma origem diabólica por trás da mesma tentação.

Segundo, esses versículos vão mais adiante e insistem não apenas que Jesus deve morrer, como também que qualquer um que queira ser Seu seguidor verdadeiro deve tomar o mesmo caminho (16:24-28). De forma bem clara esses versículos são em certo sentido metafóricos; nem todo seguidor de Jesus morre crucificado. Contudo o uso da metáfora não deve nos cegar para a natureza radical e chocante da exigência de Jesus. Nos dias de Jesus, a crucificação era uma morte reservada para escravos, criminosos endurecidos, e traidores. Nenhum cidadão romano poderia ser crucificado sem a explícita autorização de César. Nos dias de hoje, nós vestimos cruces de ouro ou madeira como joias; nos dias de Jesus a cruz era um sinal de humilhação, tortura e de

morte reconhecido universalmente. Portanto, para Jesus insistir que Seus seguidores devem carregar o madeiro para o lugar de execução e morrer esta morte vergonhosa era algo surpreendente no melhor dos casos, e repulsivo no pior.

Certamente Jesus não quis dizer que todo pequeno desapontamento com o qual nos deparamos é uma “cruz” - como no lamento ouvido muitas vezes, “todos temos nossas cruzes para carregar”. Ele não estava falando sobre desapontamentos pessoais, de defeitos físicos, ou alguma dificuldade molestandora, mas sobre a morte para o eu (16:25-27). Naquele tempo como hoje, alguns queriam um Messias que satisfizesse todas as suas próprias necessidades e desejos; porém Jesus acabou se tornando um Messias que requer morte humilhante para o interesse pessoal. A autorrealização, mesmo quando seguindo Jesus o Messias, depende da autoabnegação; enquanto que a busca dos interesses pessoais resulta apenas na frustração, morte, e julgamento quando o Filho do Homem vier outra vez (16:27).

E relativamente fácil para os crentes hoje verem o lugar central que a cruz ocupa no plano eterno da redenção provinda de Deus. Mas os primeiros seguidores de Jesus, vivendo antes do Calvário, ficaram profundamente confusos por este aspecto do ensino de Jesus. De modo inverso, se nós hoje tentarmos evitar as implicações das palavras de Jesus, será muito mais repreensível, pois temos muito menos desculpas. Num momento quando uma parte substancial dos evangélicos quer um Jesus acomodado que abençoa, santifica, prospera, preenche, emociona, e fortalece Seus seguidores, precisamos ouvir mais uma vez de um Jesus - o verdadeiro Jesus - que insiste que Seus seguidores genuínos morram para o interesse pessoal, neguem a si mesmos, e sigam seu Mestre no caminho da cruz.

---

<sup>i</sup> Esta lição foi extraída dos livros: **Deus conosco**, de D. A. Carson (Editora PES); e **O comentário de Mateus**, de D. A. Carson (Shedd Publicações).